

**UM ASPECTO NA FRASEOLOGIA POPULAR:
FRASES, EXPRESSÕES E DITADOS POPULARES⁸**

Hudinilson Urbano (USP)
hudini@zipmail.com.br

RESUMO

No presente artigo propomo-nos focalizar um fenômeno comum da linguagem verbal como um todo e, particularmente, uma marca de grande recorrência e expressividade da linguagem falada popular, dentro da qual transitam os falantes de qualquer espaço, seja geográfico, econômico e/ou cultural. Sob a hipótese da notória heterogeneidade linguística, enfoca-se o amplo panorama da sua variante falada popular, buscando-se refletir e sugerir reflexões sobre um dos seus traços mais típicos e marcantes: o fenômeno das “frases feitas”, que abrange expressões, ditos e ditados, bem como outros recursos populares semelhantes, entendidos como fórmulas mais ou menos cristalizadas. Ao lado das “gírias” como traço léxico-semântico evidente e forte da fraseologia nervosa e agressiva de grupos determinados, há outros recursos paralelos, também frequentes e caracterizadores. As observações centram-se no uso recorrente, cotidiano, expressivo e ideológico dos recursos inicialmente apontados. Tais modos de expressão revelam a sabedoria popular, perpetuando-a e espelhando sua ideologia e vivência, graças à memória individual e coletiva, garantida, de um lado pela formulabilidade das formas e, de outro, pela sensibilidade espontânea popular, que os cria, renova e equaciona constantes modos de uso.

Palavras-chave: Linguagem falada. Linguagem popular. Frases feitas. Ditos. Ditados.

1. Considerações iniciais

Sabemos que a língua funciona como um elemento de comunicação e interação entre os indivíduos e a sociedade em que atuam. Sabemos também que vários fatores extralinguísticos, como os socioculturais, incluindo o econômico e o geográfico – ou geométrico –, para usar um termo de Rosa Moura e Clóvis Ultramari (1996), falando sobre a “noção de periferia urbana” –, delimitam, condicionam e explicam as linguagens próprias dos respectivos falantes. Essas linguagens são as variantes ou variedades linguísticas da invariante linguística globalmente considerada, no caso, a língua portuguesa. Pode-se então teorizar e aludir, de um lado, à variante culta, ou ao “dialeto social culto”, falado, em teoria, pelos integrantes das classes “alta” e “média alta”; e, de outro, à variante não culta,

⁸ O presente texto foi originalmente apresentado em forma de palestra na Academia Brasileira de Letras no Seminário *BRASIL, BRASIS: Linguagens da Periferia Urbana*, em 24 de julho de 2008. A versão atual, que recebeu revisões, ampliações e atualizações, mantém, todavia, o mesmo título.

ou “dialeto social não culto” (por alguns estudiosos denominado coloquial ou popular), falado, em tese, pelas classes “médias baixas” ou “baixas”.

O dialeto social culto e o dialeto social não culto caracterizam-se por marcas e usos, ora mais ora menos prestigiados pela comunidade em geral. Como falantes do primeiro, temos, supostamente, os falantes cultos e letrados, quando estão em situação formal de fala, atuando, por exemplo, como conferencistas, professores, entrevistados, etc. Como falantes do segundo, consideramos, em princípio, os indivíduos não cultos ou de baixa cultura, quando em qualquer situação de fala (conversas em geral, por exemplo).

Os falantes em geral, nas situações informais (como em família ou em rodas de amigos), comunicam-se por meio de uma linguagem, digamos, média, conseqüente do encontro e amálgama das linguagens utilizadas pelos falantes de competência e potencial linguístico culto e pelos falantes de competência e potencial linguístico não culto. Essa linguagem média pode ser denominada linguagem comum, linguagem corrente ou linguagem cotidiana. Nesses casos, qualquer falante (culto ou não) coloca-se no papel de indivíduo comum, empregando uma linguagem mesclada normalmente com características dos dialetos culto e não culto, considerados, inicialmente, opostos. Esses falantes deveriam usar a língua na sua mais completa naturalidade e potencialidade, explorando todos os recursos de que dispõem, que são naturalmente mais numerosos, por abrangerem recursos da linguagem culta, não culta ou comum. Naturalmente os falantes letrados têm maior potencialidade de desempenho.

Trata-se da linguagem do dia a dia, utilitária ou não, empregada para veicular assuntos igualmente do dia a dia. Essa linguagem comum, dependendo em particular dos fatores de escolaridade e letramento⁹, reúne características linguísticas dos dois dialetos, ora mais fortes de um, ora mais fortes de outro.

Além do mais, essa linguagem comum conta, óbvia e comprovadamente, com a maior integração entre os outros dois níveis. Na prática, nos dias atuais, parece-nos que predominam, nessa linguagem comum, em regra, as marcas da fala menos culta.

⁹ Não se faz aqui conotação necessária com a ideia de “letramento formal”. Pensa-se, também, na aquisição informal de hábitos rudimentares de escrita por outros meios que não a escola.

2. *Linguagem falada popular*

Pela conotação com a linguagem dita “do povo”, denominamos a esse nível de fala, totalmente espontâneo e despreocupado, “linguagem popular”, atribuindo-se então uma variante conceitual ao termo “popular” já visto. Será, pois, muito pequena a distância entre essa linguagem comum e a linguagem caracterizada anteriormente como variante popular. Assim sendo, compreendemos a expressão “linguagem popular” em dois sentidos: em sentido restrito, como sinônima de linguagem “não culta” ou oposta à culta, mais tradicional, como consta na obra de Dino Preti (1972, p. 32); e em sentido amplo, como sinônima de linguagem “do povo”, não necessariamente inculta. Aqui está incluída a linguagem informal das pessoas cultas, no seu cotidiano. A linguagem comum não tem, em princípio, qualquer conotação com a ideia de “erro” vinculado à chamada gramática normativa. Usaremos frequentemente, pois, como o fazem outros, uma expressão pela outra. Para maior clareza e abonação, reproduzimos, entretanto, a opinião de Dino Preti (1998, p. 91) emitida bem depois da sua obra original:

A própria denominação *linguagem popular*, que sempre teve a marca de *vulgar, errada, de nível baixo*, está perdendo essa condição para aproximar-se de um sentido mais próximo de *comum*, usual. Essa mudança, que implica também uma mudança de prestígio social dessa variante, nos leva à ideia de que a linguagem popular, isto, ao pé da letra, “usada pelo povo”, não deve, necessariamente, ser aproximada de uma classe socioeconômica de menor grau de escolaridade e cultura.

Em linhas gerais, essa linguagem comum ou popular difere da variante culta, entre outros aspectos, pela ausência de elaboração consciente, que se reflete numa estruturação frásica simples, de frases em geral curtas e ligadas ou encadeadas parataticamente; um vocabulário comum, repetitivo e pouco seletivo, frequentemente gírio; ausência de preocupação e fixidez gramatical; prosódia descuidada e simplificada, própria da articulação oral, inclusive em pessoas cultas e formais, sem muita nitidez e estabilidade na fonação de determinadas palavras ou de determinadas seqüências silábicas, geralmente custosas de articular – como *tão* por “estão”, *pra* por “para”, *primero* por “primeiro”, *falá* por “falar” etc.

Por outro lado, no interior de cada dialeto e do contínuo linguístico compreendido entre ambos, encontramos ao mesmo tempo dialetos ou registros paralelos correspondentes aos falantes dos vários grupos que vão se formando e se delimitando na comunidade linguística global, constituindo verdadeiros bolsões ou guetos sociolinguísticos com seus respectivos socioletos. Enquanto linguagens, consideramo-las autênticas

linguagens “marginais”, por conviverem à margem (com maior ou menor proximidade) das já citadas variantes linguísticas: culta, comum, não culta. É o caso das linguagens técnicas profissionais de médicos, advogados, economistas, técnicos em comunicação eletrônica, mecânicos, etc.; a linguagem *gay*, a linguagem dos jovens, dos *rappers* etc.; as linguagens bairristas (isto é, de bairros típicos da capital paulistana, por exemplo, como Bela Vista, Pirituba, Jardins etc.), caracterizadas, sobretudo, pelo uso específico de gírias ou expressões gírias, algumas das quais com trânsito e entendimento livres entre os demais grupos. *Grosso modo*, pode-se dizer que algumas se formam à margem da linguagem comum. Advirta-se, desde logo, que não há, na denominação “marginal”, nenhuma conotação com a chamada “linguagem dos marginais”, nem qualquer avaliação negativa.

Nessa linha de raciocínio, é importante também lembrar a constante interpenetração e interferência entre as diversas variedades ou dialetos, incluindo as marginais, ao se ter em mente a permanente interação que há entre os falantes desses grupos, seja em razão do seu convívio nos transportes, nos locais de trabalho, etc., seja por força do acesso a rádio, TV, jornais, entre outros, como recursos de utilização coletiva indiscriminada.

A observação dessa linguagem falada comum ou popular, dentro de seu largo ambiente e múltiplas situações de uso, sugere inúmeras reflexões de caráter linguístico-pragmático sobre suas propriedades e traços.

3. A fraseologia popular

Uma característica que aflora na superfície do texto falado, sobretudo conversacional, para a qual chamamos a atenção, é a construção de frases ou fraseologia popular. Na realidade, não se trata da fraseologia como um todo e respectivo estudo teórico, mas aspectos dessa fraseologia. Pensamos no uso das chamadas frases feitas, locuções ou expressões coloquiais relativa ou totalmente cristalizadas, idiomáticas ou metafóricas – desde as mais simples e ingênuas como: *comigo não, violão*; até as mais complexas, por exemplo: *tirar o pai da força, trocando em miúdos, com a boca na botija, nem que a vaca tussa, estar com o bicho carpinteiro, o pior cego é aquele que não quer ver*, e por aí vai.

São provérbios, ditados, lugares-comuns, circunlóquios populares, bordões, que agilizam e dão colorido e expressividade às frases dos fa-

lantes, quando em situações distensas e descontraídas, discorrendo sobre temática utilitária ou livre do cotidiano, por meio de linguagem totalmente informal, espontânea e despolicada.

O termo “fraseologia” não se aplica, pois, aqui, necessariamente, ao estudo de frases, mas em tese ao que se intitula a fraseologia de uma língua, de uma variante linguística ou mesmo da fraseologia de determinados autores, sobretudo escritores de reconhecido estilo coloquial. Nesse sentido se trata mais do levantamento e comentários sobre o uso de frases recorrentes e representativas, que contribuem para o colorido do mapa linguístico brasileiro. Assim, lembramos a obra de Antenor Nascentes denominada *Tesouro da fraseologia brasileira*, ou a obra *Ensaios de Fraseologia*, de José Pereira da Silva, entre outras.

Mas é, sem dúvida, nos diversos aspectos da fraseologia popular que as pesquisas, observações e estudos revelam-se mais cativantes, pela curiosidade que despertam e pela riqueza e criatividade de suas metáforas, vinculadas, sobretudo, ao cotidiano vivenciado pelo povo, espelhando sua índole, sua inocente e perspicaz sabedoria e as situações existenciais de sua própria vida em sociedade, manifestando imensa riqueza e expressividade no uso da língua.

Esses fenômenos compreendem desde expressões fixas, que cristalizam formas e conteúdos mais ou menos denotativos, como: *mundos e fundos, antes tarde que nunca*; metáforas simples de sabor popular, como: *com um pé nas costas, manteiga derretida*; ou ainda expressões tipicamente idiomáticas, como: *bater as botas*; até a formulação de máximas sobre comportamento, como: *comer o pão que o diabo amassou, quem espera sempre alcança*, perenizadas em frases e provérbios.

Um levantamento de estudos e dicionários sobre esse tipo de recursos na fraseologia popular brasileira revela inúmeros trabalhos interessantes e curiosos: um, por exemplo, relacionando cerca de 5 mil frases e expressões populares; outro com amostra de 9 mil, só de expressões idiomáticas (ao menos assim rotuladas no subtítulo, *O dito pelo não dito* – dicionário de expressões idiomáticas); outros sobre fraseologia regional; outros sobre temas específicos, por exemplo, sobre animais; outros sobre aspectos mais linguístico-formais; outros com aspectos mais semânticos; outros sobre o emprego dos ditos populares na escrita; outro com a *Filosofia dos parachoques*; além de estudos realizados em obras de escritores, teatrólogos e poetas, bastante impregnadas de marcas de oralidade popular, como Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Rubens Fon-

seca, Manuel Bandeira e o já citado Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Dentro desse universo fraseológico, preocupamo-nos, porém, em alinhar e refletir em particular, sobre aqueles recursos empregados como segmentos frásicos ou expressões, independentemente de eles caracterizarem ou não frases oracionais, isto é, com sujeito e predicado. Pensamos, basicamente, em segmentos, frequentemente internos às frases, podendo, porém, ser usados comunicativamente de forma autônoma.

Antes de prosseguir, convém consignar, porém, apenas de passagem, que, assim como a própria fraseologia, enquanto um repertório de frases propriamente ditas, não é propriedade exclusiva da língua popular, as expressões também enquanto tais não o são, sendo encontradas tanto na formulação e no colorido de frases da linguagem popular quanto na linguagem erudita, com expectativa, porém, de tons e frequência diferentes. Lembramos aqui, por exemplo, frases, ditados e citações como: *Dura lex sed lex* (Rui Barbosa), *Ser ou não ser, eis a questão* (Shakespeare) e ditados menos populares. Nestes incluem-se clichês e lugares-comuns retóricos, na língua escrita. Os lugares-comuns, por exemplo, mais do que fenômeno de recorrência formal, são recorrências de “ideias”, como: *no mesmo diapasão, ao apagar das luzes, em alto e bom tom, o fantasma da inflação, antes de levantar suspeitas, nos primórdios da humanidade, todos os homens são iguais, como o mundo é pequeno*.

O que difere nos recursos da linguagem escrita culta em relação à fala popular é, no caso da linguagem popular, a maior frequência e recorrência, sua construção descuidada, a criatividade espontânea das suas metáforas, inspiradas no dia a dia, nos costumes e modo simples de pensar dos falantes, perfeitamente encaixadas no fraseado descompromissado do povo; no caso da linguagem culta, a maior sobriedade e muitas vezes a maior elaboração e consciência de uso, dependendo ainda do maior ou menor grau de formalidade e elaboração que os seus gêneros textuais exigem.

Se de um lado é fascinante a observação desses recursos, pela infinidade de facetas e seu sabor popular, por outro, trata-se de fenômenos tão ricos de possibilidades de enfoques e abordagens que só um grande projeto e uma grande equipe poderiam tentar esgotá-los. Aqui descortinamos e propomos, embora superficialmente, apenas algumas possíveis reflexões.

4. Conceitos

Uma primeira questão fundamental é a discussão e o estabelecimento dos próprios “conceitos”, que transitam aparentemente sem contestação, mas que são realmente de difícil consenso. Assim, só *para botar lenha na fogueira* (usando aqui um ditado popular), há quem discuta o emprego dos termos “frase” ou “expressão”. Reservam o conceito de “frase” para o segmento verbal, ainda que, descontextualizado, implique estrutura oracional e compreensão comunicativa autônoma, e o conceito de “expressão” quando isso não ocorre. Quanto ao termo “feita”, qualificando frase ou expressão, entendemo-lo como significando construção mais ou menos fixa e cristalizada, *grosso modo*, imutável no seu uso.

A relativa fixidez das frases feitas é um dos fatores que as torna mais eficazes, graças à faculdade de sua integração ao discurso. Por outro lado, essa estabilidade formal relativa abre margem para a observação das “variantes”. Esse conceito de modo sumário pode ser expresso como frases que “podem ter formas muito semelhantes e sentidos bem diferentes, assim como podem ter sentidos semelhantes e formas bem diferentes” (SILVA, 2005-a, p. 16). É possível considerar uma terceira hipótese, ou seja, a das frases feitas que podem ter formas semelhantes e sentidos iguais ou semelhantes. Exemplificam o primeiro caso as expressões *dar a cara* (... para apanhar) x *dar as caras* (aparecer); o segundo, *bater as botas* x *esticar as canelas, com a pulga atrás da orelha* x *com o pé atrás*; e o terceiro, *meter-se em calças pardas* x *meter-se em camisa de onze varas* (*Idem*, p. 7), ou, ainda, *perguntar se macaco quer banana* x *perguntar se cachorro quer linguça, com o pé atrás, com um pé atrás, de pé atrás*.

Quanto ao conceito de “frase feita”, em consonância com o que dissemos anteriormente, usamos esse termo como um hiperônimo, um termo guarda-chuva que abriga vários fenômenos com pontos de contato fortes, que, entretanto, possuem também traços distintivos individualizadores. Assim, basicamente, distinguimos: (1) os provérbios (que contêm saberes e verdades populares inquestionavelmente lógicos ou não, ao nível popular, e mensagens, direta ou indiretamente, admoestadoras e/ou de ensinamento moral ou conselho prático: *casa de ferreiro, espeto de pau; em briga de marido e mulher, não meta a colher*); (2) as expressões idiomáticas (entendidas como lexias complexas, com significado total opaco, pois os significados dos seus componentes léxicos não são individualmente identificados: *chover canivete* (chuva torrencial), *bater as botas* (falecer), *pôr água na fervura* (acalmar os ânimos)); (3) ditos e ditados

populares para uso nas mais diversas situações do dia a dia: *cair do cavalo, uma andorinha só não faz verão*; (4) locuções e expressões de caráter gramatical ou textual, denotativo, de vários níveis, como: *uma vez que, às claras, em princípio, por outro lado, por outras palavras*, etc.

Outro conceito que merece ficar claro é o de “idiomatismo”, referindo-se às expressões idiomáticas recém-citadas. Expressão idiomática é uma expressão cujo significado não se mostra transparente e cujas palavras componentes não se somam para compor seu sentido global, como é o caso de *bater as botas, gato pingado* ou *descascar um abacaxi*, significando, respectivamente, “morrer”, “pessoa sem importância” e “resolver um problema”. São, melhor dizendo, as lexias complexas (a) *indecomponíveis* e cristalizadas (*estar com a pulga atrás da orelha* e *não estar com a pulga [andando] atrás da orelha, fazer castelos na areia* e *não fazer [mansões] na areia* [ou na praia]; (b) *conotativas* (metafórica: *há uma pedra no caminho*; metonímica: *ser um bom garfo*; comparativa: *dormir como uma pedra*).

Há que se levar em conta, entretanto, que a idiomaticidade pode comportar uma escala com vários graus (TAGNIN, 1989, p. 48).

5. Aspectos

Um ponto que costuma ser intrigante é o da polêmica questão da “origem” das frases feitas, tal como do restante das palavras em geral. É a questão da etimologia das palavras. Ela costuma despertar muita curiosidade, mas em geral fica sem solução científica, principalmente a das frases feitas mais populares, como: *pagar o pato, onde judas perdeu as botas*, etc., às quais se atribuem origens imaginosas, a tal ponto que Mário Prata foi levado a compor seu dicionário com 419 provérbios, expressões e ditos populares, intitulado *Mas será o Benedito?*, com a seguinte justificação:

Sempre tive curiosidade de saber a origem de certas expressões brasileiras. Comecei a pesquisar e descobri que cada autor (e/ou filólogo) dá uma versão diferente para a mesma expressão. “Para inglês ver”, por exemplo, encontrei quatro origens diferentes.

Já que a situação era essa, resolvi escrever este livro, dando as minhas “versões”. Apenas seis são reais e explicadas por Câmara Cascudo. Nestas, dou a fonte. (1996, p. 5)

Entre outras, Mário Prata “fantasia” a origem de *amarrar o bode, ao pé do ouvido, cara-de-pau, filho de mãe solteira*. Uma das seis reais é

casa de mãe Joana.

Descontando-se os exageros propositais, o “Dicionário” tem a coragem de desmentir, às claras, a pretensão e ousadia com frequência frustradas de fornecer a origem dos ditados populares. De nossa parte, defendemos a tese de que, conquanto obviamente todos tiveram sua origem e explicação, na sua imensa maioria, porém, essa origem é desconhecida ou obscura, e cientificamente irrecuperável. Entretanto, o que temos muito claro em mente é que pouco ou nada interessa conhecer as origens, quanto menos as explicações sobre essas origens; interessa, sim, a compreensão que o povo tenha dos ditados e o conhecimento e a técnica do seu uso eficiente e eficaz. Assim, que interesse há em saber se *ter* (ou *estar com*) *bicho carpinteiro* (não conseguir ficar quieto), por falta de uma transparência do sentido literal, teria se originado ou não de *ter* (ou *estar com*) *bicho no corpo inteiro*; ou se *cor de burro quando foge* sugere a corruptela de *corro de burro quando foge*, porque esse animal quando corre, fugindo, fica enfurecido, como alguns pesquisadores se aventuram a explicar? E, nesse diapasão, chega-se à “etimologia popular”.

É claro que a regra não é todas as frases feitas, de bordões a provérbios, terem suas origens e explicações desconhecidas. A origem de muitas frases é conhecida, sendo depois vulgarizadas (no sentido de difundidas e popularizadas). Para ilustrar, relembremos a frase de Shakespeare já mencionada, *ser ou não ser, eis a questão*, bem como *a César o que é de César* (resposta de Jesus aos fariseus); *aos vencedores, as batatas* (do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis); *a sorte está lançada* (tradução de *alea jacta est*, dita pelo general Caio Júlio César); *cala boca, Magda!* (bordão do antigo programa humorístico da TV Globo *Sai de Baixo*); *é dando que se recebe* (oração da paz, de São Francisco de Assis); e muitos outros.

Outra questão diz respeito à possível “equivalência semântica” de determinada frase feita em mais de um idioma e/ou país. Nesse sentido, embora de maneira rápida, cabe levantar, para futuro aproveitamento, algumas hipóteses. Num primeiro caso, quando se trata do mesmo idioma em países diferentes, como o inglês nos Estados Unidos e na Inglaterra, o castelhano em diversos países, e, de modo particular, o português no mundo atual lusófono. Assim, falam-se em Portugal e Brasil: *negócio da china* e *a ver navios*, este, com certeza, aqui usado por empréstimo; e em Portugal *perdidos e achados*, mais lógico do que o nosso *achados e perdidos*, assim talvez mais eufônico. Uma segunda hipótese diz respeito ao caso de quando se trata de idiomas diferentes. Em ambas as hipóteses, há

de se ter em mente as culturas distintas de cada país, responsáveis, no mínimo, por torneios léxicos e semânticos peculiares a cada cultura. Assim, arrolamos exemplos de bases semânticas semelhantes entre o inglês e o português brasileiro: *beauty is in the eye of the beholder* (a beleza está nos olhos do contemplador) x *Quem ama o feio bonito lhe parece*; *to rain cats and dogs* (chover a cântaros) x *chover canivete(s)*.

Uma abordagem também bastante curiosa, principalmente para observações de caráter linguístico-gramatical, é o “aspecto formal” das construções. Elas apresentam características recorrentes semelhantes com muita frequência – em termos de rimas, ritmo, paralelismo, estrutura binária, elipse, comparação, metáfora, metonímia, etc., como se percebe em: *sem eira nem beira, aos trancos e barrancos, nunca viu cara de pavio, pé frio coração quente; dormir como uma pedra, ficar no mato sem cachorro, ser um bom garfo*; ou em expressões construídas com verbos-suporte, como em: *dar uma esfrega, dar a maior bandeira, fazer barba e cabelo, perder as estribeiras, fazer hora, fazer jogo duro, ter jogo de cintura*, e, ainda, um leque de outras variantes formais.

Também chama atenção o “aspecto temático” das frases feitas, que implica de alguma forma enfoques semânticos de variados matizes. Assim, há frases feitas que se espalham em vários temas e subtemas, envolvendo animais, corpo humano, nomes próprios, expressões grotescas e obscenas, comportamentos, filosofia, bíblia etc., como: *comer gato por lebre, matar o bicho, amarrar cachorro com língua; de cabeça para baixo, sem pé nem cabeça; dar uma de miguel, Será o Benedito?; amor de pica fica; cheio de não-me-toques, de papo pro ar; azar no jogo sorte no amor; a carne é fraca* etc.

Em outra linha de ideia, também produtiva e prazerosa, inclusive para pesquisas sistemáticas, estão as frases feitas produzidas no seio de grupos sociais, incorporadas ou não à literatura, marginal ou não, com muita propriedade e representatividade.

Para essas e outras questões, há inúmeros dicionários, glossários e estudos, incluindo dissertações e teses.

A fraseologia de modo geral e a brasileira em particular é riquíssima em oportunidades de enfoques, e as perspectivas vão do folclore ao linguístico, do psicológico ao filosófico. Muitas são as abordagens possíveis. Ao lado dos aspectos pontuais aqui apenas delineados, merecem atenção a complexa questão das técnicas e estratégias de dicionarização (entrada de verbetes, significados, abonações, datação, origens, etc.); os

possíveis graus de denotação e conotação das frases feitas, incluindo a questão de ambiguidades e cumulação de valores e sentidos, como de *cabeça baixa* na frase *ele já tem bastante idade e anda sempre de cabeça baixa* (sentido denotativo, conotativo ou os dois?); a questão dos neologismos, modismos – que sobretudo o cínico comportamento de certos políticos traz à baila (*cara-de-pau*) – e arcaísmos, etc. Esses e muitos outros aspectos aguardam o interesse de pesquisadores e trabalhos abrangentes profundos.

Desses últimos, selecionamos, para um ponto final, o curioso aspecto dos “arcaísmos” que podem ser de natureza simplesmente verbal, como: *Qual é a sua graça?* (Qual é o seu nome?), *Ainda que mal lhe pergunte*; ou “verbo-referencial”, levando-se em conta os “referentes” que vão ficando fora de uso, como: *Está mais por fora do que umbigo de vedete* (no tempo em que o umbigo de vedete era novidade, atração e sedução), *Vou te tirar do meu caderninho* (no tempo que o caderninho com números de telefones era usual). Nesse sentido, *pelo andar da carruagem*, o que acontecerá com as expressões com a palavra “bonde”, como *do tamanho de um bonde* (ao menos em São Paulo, onde não há mais bondes circulando), com *cair a ficha*, ou com a própria expressão *pelo andar da carruagem?* Confirmam-se, nesse sentido, mais as duas crônicas de Carlos Drummond de Andrade com os títulos “Antigamente” (I e II) com palavras, frases e expressões; e a peça teatral de Artur Azevedo: “Amor por anexins”, só com provérbios.

6. Conclusões

Em suma, as frases feitas revelam a sabedoria popular, perpetuando e espelhando sua ideologia e vivência, graças à memória discursiva individual e coletiva, garantida, de um lado, pela formulaicidade das formas, e, de outro, pela sensibilidade espontânea popular. E muitas vezes tais frases inspiram cronistas, poetas, sambistas e artistas populares de vários gêneros, que delas se servem como motes muito produtivos para suas obras. Assim, tais textos mereceriam estudos específicos.

A voz popular, com seus modos de pensar e dizer, realizados sem qualquer timidez e preocupação com normas e regras, renova e recria as frases e expressões de um modo particular e curioso, e para elas encontra soluções constantes de uso, imprimindo-lhes grande expressividade e força e usando-as e delas abusando como facilitadoras que são da fala do dia a dia. É a frase na boca do povo, que, ao lado dos simples levanta-

mentos e arrolamentos de frases – já por si muito úteis – mereceria mais pesquisas e estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauro de. *Filosofia dos para-choques*. 2. ed. Rio de Janeiro: AC Fernandes, 1974.

DICIONÁRIO de aforismos, proverbios y refranes – con la interpretación para su empleo correcto, y la equivalência em siete idiomas: português, francês, italiano, inglês, alemán, latin y catalan. 4. ed. Barcelona: Sintés, 1967.

FONTES FILHO, Aristides. *O dito pelo não dito*: dicionário de expressões idiomáticas. São Paulo: Libra Três, 2006.

LACERDA, Roberto Cortes de et al. *Dicionário de provérbios*: francês, português, inglês. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

MELLO, Nelson Cunha. *Conversando é que a gente se entende* – Dicionário de expressões coloquiais brasileiras. São Paulo: Leya, 2009.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. *O que é periferia urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Freitas Bastos, 1966.

PRATA, Mario. *Mas será o Benedito?* 5. ed. São Paulo: Globo, 1996.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 1. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1972.

_____. O ensino de língua portuguesa: na encruzilhada entre a escrita e a oralidade. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua portuguesa: história, perspectiva, ensino*. São Paulo: Educ, 1998.

SILVA, José Pereira. *Ensaio de fraseologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Do Autor, 2005.

_____. A fraseologia nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade. In: _____. *Ensaio de fraseologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2005-a, p. 8-88. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/afraseologianas.htm>>. Acesso em 10 fev. 2013.

STEINBERG, Martha. *1001 provérbios em contraste: ditados ingleses e norte-americanos e seus equivalentes em português*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

TAGNIN, Stella Ortweiler. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

URBANO, Hudinilson. *A frase na boca do povo*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. *Investigações*. Linguística e Teoria Literária. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFPE. V. 21, n. 2, jul/2008. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. Recursos fraseológicos populares em crônicas. In: PRETI, Dino. *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009.

WERNECK, Humberto. *O pai dos burros – Dicionário de lugares-comuns e frases feitas*. Porto Alegre: Arquipélago, 2002.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa*, 42 (nº esp.). 1998.